

RELATÓRIO 2016

Assassinatos de LGBT no Brasil



Tatiana Lozano confessou que matou o filho a facadas em casa e com ajuda do marido queimou e enterrou o corpo num canavial.

Em Homenagem a Itaberli Lozano



"O adolescente Itaberli Lozano foi assassinado pela própria mãe, Tatiana Lozano Pereira, numa emboscada porque era homossexual assumido; é o que afirma a advogada membro da Comissão da Diversidade Sexual OAB – SP Carolina Aram; Itaberli foi morto em dezembro de 2016 ao voltar para casa; mãe do jovem confessou à polícia em um primeiro depoimento que matou o próprio filho a facadas; "É um homicídio qualificado, hediondo e a motivação dele foi homofóbica", disse advogada"

Agradecimentos

Marcelo Cerqueira
Paulinho GSP
Leodvam A. Silva
Deco Ribeiro
Paul Beppler
E a todos os Lgbts do Brasil que nos enviam noticias.

Autores

Luiz Mott Eduardo Michels Paulinho



ASSASSINATO DE LGBT NO BRASIL:

RELATÓRIO 2016

343 LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) foram assassinados no Brasil em 2016. Nunca antes na história desse país registraram-se tantas mortes, nos 37 anos que o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga tais homicídios. A cada 25 horas um LGBT é barbaramente assassinado vítima da "LGBTfobia", o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Matam-se mais homossexuais aqui do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT.

Tais mortes crescem assustadoramente: de 130 homicídios em 2000, saltou para 260 em 2010 e para 343 em 2016. Durante o governo FHC mataram-se em média 127 LGBT por ano; no governo Lula 163 e no governo Dilma/Temer, 325.

Segundo o antropólogo Luiz Mott, responsável pelo site <u>Quem a homofobia matou hoje</u>, "tais números alarmantes são apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, pois não havendo estatísticas governamentais sobre crimes de ódio, tais números são sempre subnotificados já que nosso banco de dados se baseia em notícias publicadas na mídia, internet e informações pessoais. A falta de estatísticas oficiais, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, é prova da incompetência e homofobia governamental, já que a Presidenta Dilma prometeu aprovar, mas mandou arquivar o projeto de lei de criminalização e equiparação da homofobia ao racismo."

2016 foi marcado por dois assassinatos que revoltaram o país: no Metrô de São Paulo no dia do Natal, o vendedor ambulante Luiz Carlos Ruas, foi massacrado até à morte, quando tentava defender um gay e uma travesti perseguidos por dois lutadores marciais; o segundo caso foi o adolescente Itaberly Lozano, 17 anos, espancado, esfaqueado e carbonizado por ordem da própria mãe evangélica. Outros casos de LGBTfobia chocaram pelos requintes de crueldade: o professor universitário Elessandro Milan, 34 anos, de Porto Velho, foi degolado e esquartejado; Wagner Pereira, comerciante de Belém, foi morto com 80 facadas; em Santa Luz, Bahia, dois professores foram encontrados carbonizados dentro do porta malas de um carro; a travesti Brenda foi espancada e jogada de cima de uma alta passarela em Castanhal, Pará; R.S., homem-transexual, 17 anos, foi executado com 17 tiros e teve o corpo arrastado por um carro em Porto Alegre.

31% desses assassinatos foram praticados com arma de fogo, 27% com armas brancas, incluindo ainda enforcamento, pauladas, apedrejamento, muitos crimes cometidos com requintes de crueldade: tortura, queima do corpo.

Travestis geralmente são assassinadas a tiro ou espancadas na rua, enquanto gays são mortos dentro de casa, com objetos domésticos: facas, fios elétricos, sufocados na cama, muitas vezes encontrados pelos vizinhos somente pelo odor do corpo já em putrefação.

Dos 343 assassinatos, 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), incluindo 12 heterossexuais, como os amantes de transexuais ("T-lovers"),



além de parentes ou conhecidos de LGBT que foram assassinados por algum envolvimento com a vítima, como o ambulante do metrô de S. Paulo ou por serem confundidos com gays.

Proporcionalmente, as travestis e transexuais são as mais vitimizadas: o risco de uma "trans" ser assassinada é 14 vezes maior que um gay, e se compararmos com os Estados Unidos, as 144 travestis brasileiras assassinadas em 2016 face às 21 trans americanas, as brasileiras têm 9 vezes mais chance de morte violenta do que as trans norte-americanas. Segundo agências internacionais, mais da metade dos homicídios de transexuais do mundo, ocorrem no Brasil. http://www.transrespect-transphobia.org/en_US/tvt-project/tmm-results/idahot-2015.htm

14 das vítimas não fica evidente se eram homens-transexuais ou lésbicas masculinizadas, já que as reportagens, nem mesmo suas fotografias, esclarecem sobre sua auto-identificação. Embora tenhamos solicitado às lideranças de transexuais-homens que nos ajudassem em tal identificação, não obtivemos resposta. Mais da metade desses supostos homens-trans foram assassinados por arma de fogo.

PERFIL REGIONAL

A média de assassinatos de LGBT no Brasil é de 1,69 por um milhão de habitantes, sendo que a Região Norte computou quase o dobro: 3,02 para um milhão. O Nordeste, que durante as últimas décadas liderava tais "LGBTcídios", baixou para 1,94 mortes por um milhão; no lado oposto, as regiões menos violentas são o Sul, 1,24 e o Sudeste, 1,19.

Os estados que notificaram o maior número de LGBT assassinados em termos absolutos foram São Paulo com 49 homicídios, Bahia, 32, Rio de Janeiro, 30 e Amazonas, 28. Roraima não registrou nenhum homicídio, sendo que em 2014 liderou a lista, com 6,14 LGBT assassinados para 1 milhão de habitantes. "Essa é, aliás, uma característica desses crimes de ódio: sua variação e imprevisibilidade", salienta o analista de sistemas, Eduardo Michels, responsável pela atualização do banco de dados. "Num mesmo estado um ano predominam mortes de travestis, no outro de gays, no ano seguinte, o contrário. Infelizmente, a única previsão recorrente é que nesse ano atual serão assassinados mais de 300 LGBT."

Se compararmos porem tais números com nossa população total, os LGBT correm maior risco de morte no Acre, 7.59 mortes por milhão de habitantes e Amazonas, 7,23, sendo 1,69 a média nacional. O Amazonas – palco atual de violenta matança entre presidiários de facções rivais, é assaz preocupante: possuindo menos de 4 milhões habitantes, o Amazonas teve quase o dobro de assassinatos que o Paraná e Rio Grande do Sul, que têm população três vezes maior.

Manaus, com 25 mortes, foi a capital brasileira que registrou o maior número de assassinatos em termos absolutos, seguida de Salvador, 17 e São Paulo, 13. Foram documentados em 2016 assassinatos de LGBT em 168 municípios brasileiros. Embora crimes de ódio ocorram com muito



maior frequência em contextos urbanos e periferias de regiões metropolitanas, também foram registrados homicídios de LGBT em municípios predominantemente rurais, com menos de 14 mil habitantes, como Piranguinho (MG) e Bom Lugar (MA).

Não documentaram-se mortes de LGBT em três capitais: São Luís, Boa Vista e Vitória. Proporcionalmente ao total da população, Palmas foi a capital mais violenta: com 266 mil habitantes, o risco de um LGBT ser assassinado é de 15,07 por um milhão de habitantes, seguido de Manaus com 12,37, sendo a média nacional 1,69.

Apesar de se presumir que quanto maior o índice de desenvolvimento humano (IDH), menor a violência, já que sul e sudeste são as regiões com menos ocorrência de crimes homofóbicos (1.19 por milhão no Sudeste, contra 3,09 no Norte) Roraima não registrou nenhuma morte, provavelmente devido à omissão dos órgãos de segurança pública em divulgar tais dados. O Espírito Santo foi o estado menos violento: apenas um registro em Cachoeira do Sul, 0,26 mortes por milhão de habitantes, sem nenhuma ocorrência em sua capital.

O caso mais chocante em termos de incremento da violência vem ocorrendo no Amazonas, que de 7 homicídios em 2014 saltou para 25 em 2015 e para 28 no ano passado. Manaus, cidade que tem menos de dois milhões de habitantes, registrou 25 mortes, quase o dobro de São Paulo, com população de 12 milhões e 13 assassinatos.

PERFIL DAS VÍTIMAS

A violência anti-LGBT atinge todas as cores, idades, classes sociais e profissões. A vítima de menor idade foi um menor de 10 anos, violentado e espancado até a morte em Curuá, PA; a transexual Luana Biersack, 14 anos, foi encontrada morta ao lado de um lago em Novo Itacolomi, norte do Paraná. "Conforme declarou o delegado local, o crime foi cometido por homofobia por quatro adolescentes. As investigações mostraram que não houve motivo nenhum para matarem a vítima, a não ser por preconceito e intolerância: ela foi agredida com chutes e socos e morta por afogamento, depois de se relacionar sexualmente, com consentimento, com os suspeitos. "A vítima mais idosa foi um aposentado de 71 anos de Araruna, PB, encontrado morto em sua casa, amordaçado, com os pés e mãos amarrados e sinais de espancamento, vítima de latrocínio.

Predominaram as mortes de LGBT entre 19-30 anos (32%), pessoas, portanto, na flor da idade produtiva. Menores de 18 anos representam 20.6%, demonstrando a precocidade da iniciação homoerótica e grande vulnerabilidade de nossos/as adolescentes, sobretudo das jovens travestis e transexuais profissionais do sexo. 7,2% das vítimas eram da terceira idade.

Quanto à cor dos LGBT assassinados, 64% eram brancos, 36% negros, tendência destoante do perfil demográfico predominante no Brasil. No que se refere às travestis e transexuais, a maioria delas profissionais do sexo e oriundas de camadas sociais mais pobres, confirma-se praticamente essa



mesma regularidade racial, sendo 60% brancas e 40% pardas e pretas. 9% do total de LGBT assassinados foram identificados como pretos.

Infelizmente as reportagens policiais sobre crimes contra as minorias sexuais são muito lacunosas relativamente ao perfil demográfico das vítimas, dificultando sua melhor caracterização. Não obstante, foram identificadas entre os mortos 73 profissões/ocupações, predominando professores (17%) e estudantes (16%), seguidos em menor número por comerciantes, padres, empresários, enfermeiros, etc. Diminui significativa e inexplicavelmente em 2016 o numero de mortes de profissionais do sexo e cabeleireiros, as categorias mais vulneráveis em anos anteriores.

IMPUNIDADE

Crimes contra minorias sexuais geralmente são cometidos de noite ou madrugada, em lugares ermos ou dentro de casa, dificultando a identificação dos autores. Quando há testemunhas, muitas vezes estas se recusam a depor, devido ao preconceito anti-LGBT. Policiais, delegados e juízes manifestam sua homotransfobia ignorando tais crimes, negando sem justificativa plausível sua conotação homofóbica.

Somente em 17% desses homicídios o criminoso foi identificado (60 de 343), e menos de 10% das ocorrências redundou em abertura de processo e punição dos assassinos. A impunidade estimula novos ataques.

Dentre os 60 criminosos de LGBT, lastimavelmente, praticamente a metade mantinha contactos próximos com a vítima, seja como companheiro atual (27%) ex-amante (7%) e parentes da vítima (13%). Clientes, profissionais do sexo e desconhecidos em sexo casual foram responsáveis por 47,5% desses crimes de ódio.

MORTES POLÊMICOS

Seriam todos esses 343 assassinatos crimes homofóbicos? O antropólogo Luiz Mott é categórico: "99% destes 'homicídios' contra LGBT têm como motivo, seja a LGBTfobia individual (quando o assassino tem mal resolvida sua própria sexualidade), seja a homotransfobia cultural (que expulsa as travestis para as margens da sociedade onde a violência é endêmica), seja a homofobia institucional (quando os governantes não garantem a segurança nos espaços frequentados pela população LGBT nem aprovam leis que criminalizem a LGBTfobia). Mesmo quando uma trans está envolvida com ilícitos – drogas, furtos – sua condição de "viado" aumenta o ódio e a violência na execução do crime. De Norte a Sul do Brasil se ouve dizer: "viado tem mais é que morrer! " e pais e mães, repetem como o Deputado Jair Bolsonaro, "prefiro um filho morto do que homossexual! " A recente lei de "feminicídio" preconceituosamente excluiu as mulheres transexuais de sua abrangência.



O Presidente do Grupo Gay da Bahia, o historiador Marcelo Cerqueira, acrescenta: "quando o Movimento Negro ou as feministas divulgam suas estatísticas, não se questiona se o motivo das mortes foi racismo ou machismo, porque então exigir só do movimento LGBT atestado de ódio ideológico nestes crimes hediondos? Ser travesti, lésbica ou gay já é um agravante de periculosidade dentro da intolerância machista dominante em nosso país! "

Nessas estatísticas foram incluídos também os suicídios de 26 LGBT, sendo 21 gays, 3 lésbicas e 2 trans, liderando São Paulo com 8 ocorrências e MG, MS e BA com três casos em cada estado, suas idades variando de 17 a 61 anos, seis dos quais entre 20-26 anos. A maioria dos suicidas ingeriu remédios ou se lançou de viadutos ou prédios altos, como solução final para escapar do inferno em que viviam devido ao preconceito e discriminação.

Para o coordenador do banco de dados desta pesquisa, o analista de sistemas Eduardo Michels, do Rio de Janeiro, "a subnotificação destes crimes é notória, indicando que tais números representam apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, já que nosso banco de dados é construído a partir de notícias de jornal e internet. Infelizmente são raríssimas as informações enviadas pelas mais de trezentas Ongs LGBT brasileiras. E a Secretaria Nacional de Direitos Humanos e o Disque 100 atestam sua incompetência ao não documentar a violência letal contra mais de 20 milhões de LGBT, cerca de 10% da população brasileira. A realidade deve certamente ultrapassar em muito tais estimativas, sobretudo nos últimos anos, quando os familiares das vítimas, policiais e delegados cada vez mais, sem provas e nem base teórica, descartam preconceituosamente a presença de homofobia em muitos desses homocídios".

O prof. Mott conclui com um alerta: "Esse ano novo começa ainda mais homofóbico: em janeiro de 2017 já foram documentados 23 assassinatos de LGBT em 22 dias, mais de um assassinato por dia!"



LISTAGEM



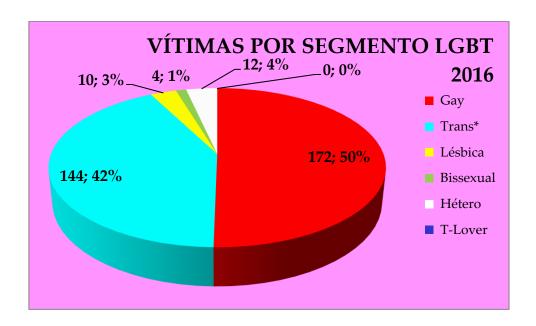
IDENTIFICÃO DOS 343 LGBT ASSASSINADOS

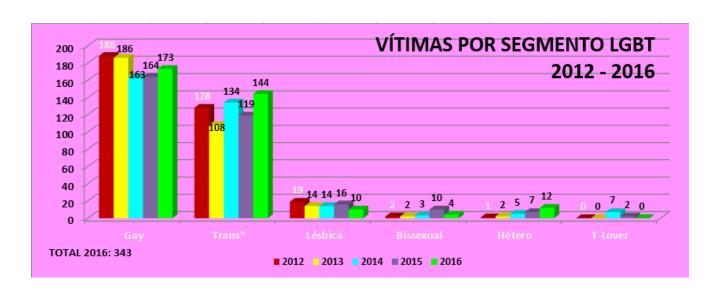
Para maiores informações e entrevista com autores: 71-33283782 71-991289993 (whatsApp) 71-999894788 - 21-985475628

Tabelas, gráficos, fotos e Relatório Completo: http://homofobiamata.wordpress.com/



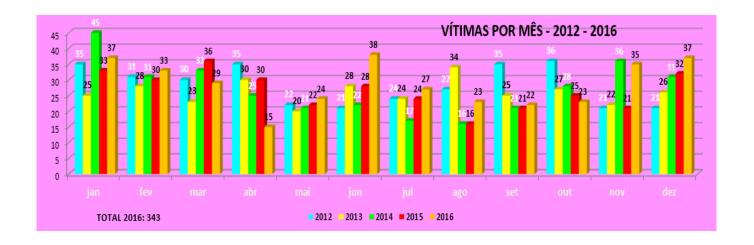
GRAFICOS

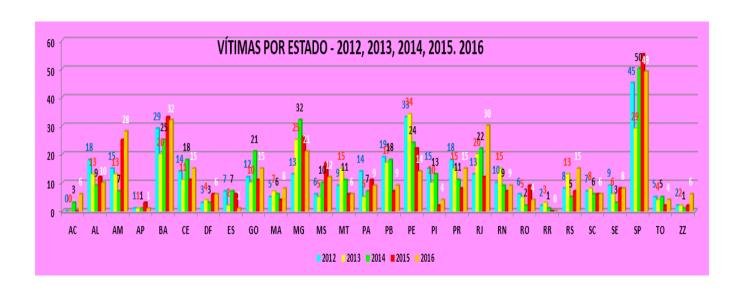




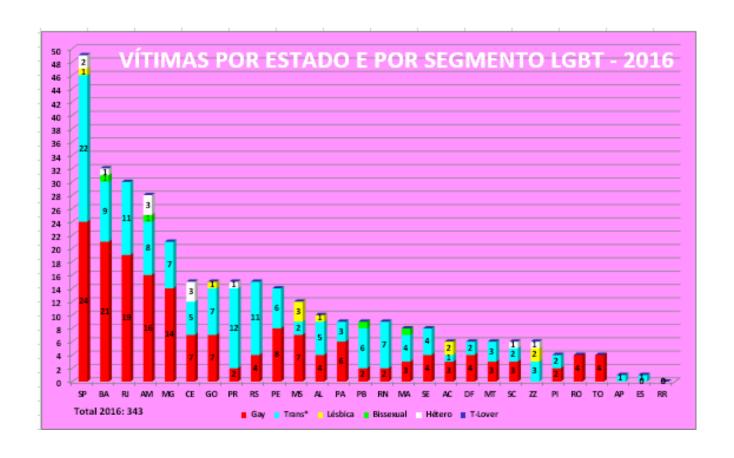












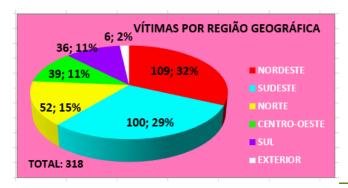


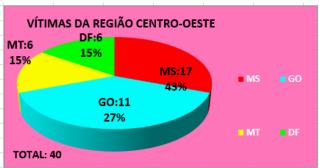


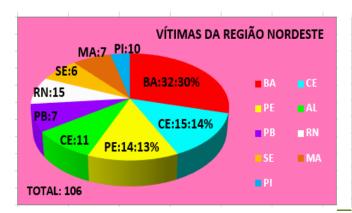
ASSASSINATO DE LGBT NO BRASIL, 2016

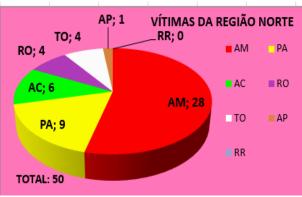


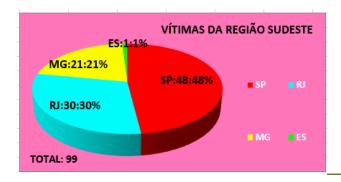


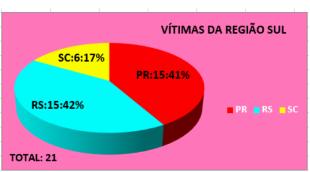




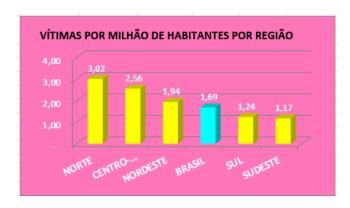




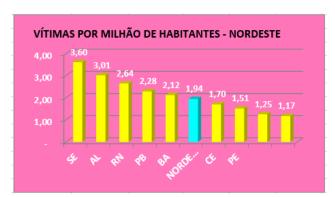


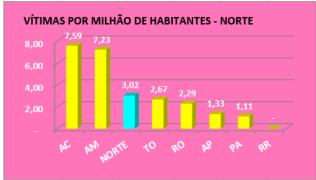










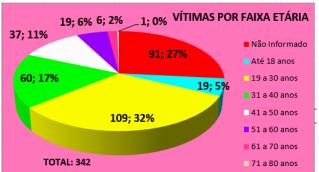


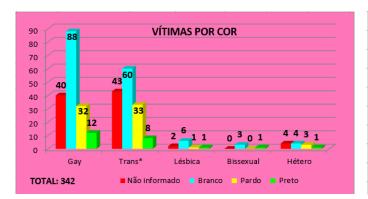










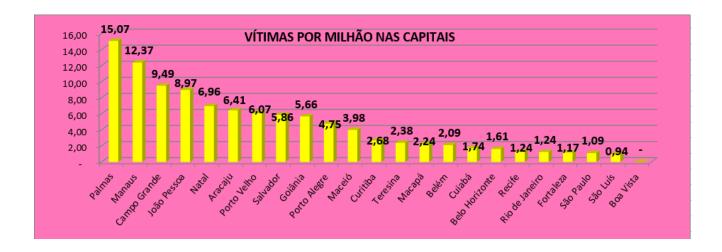


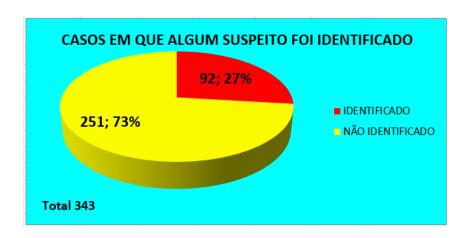




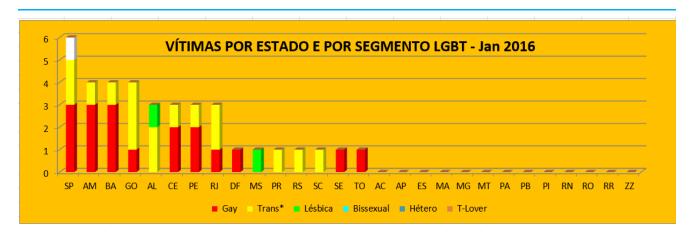


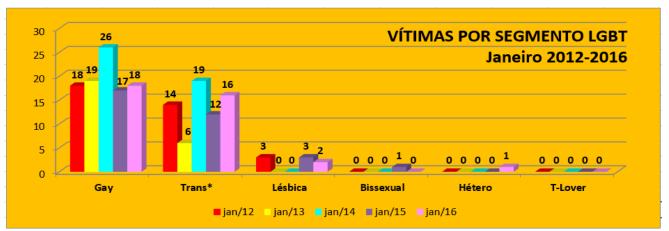


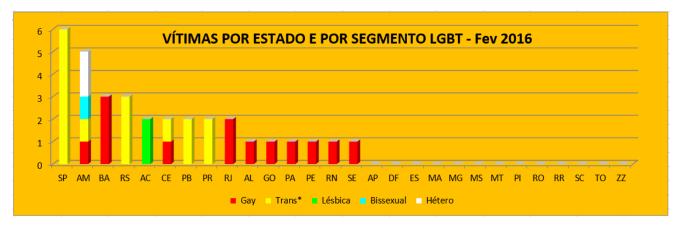


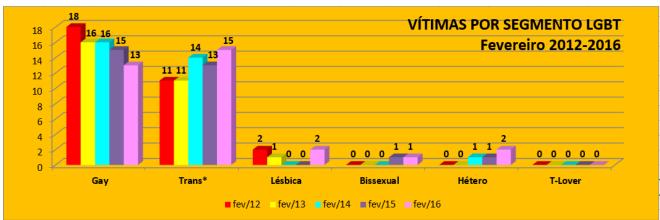




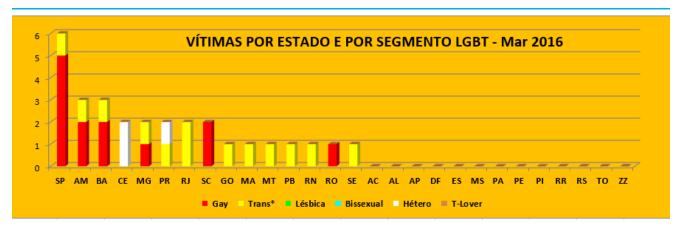


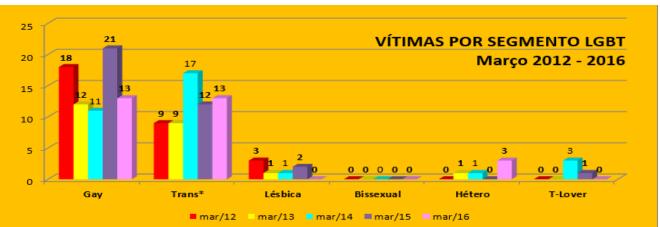


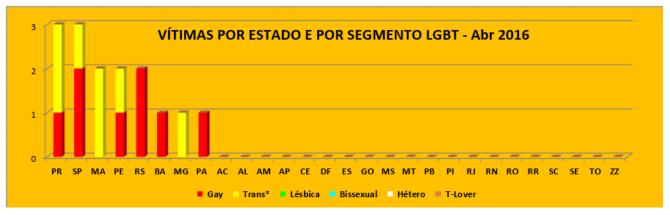


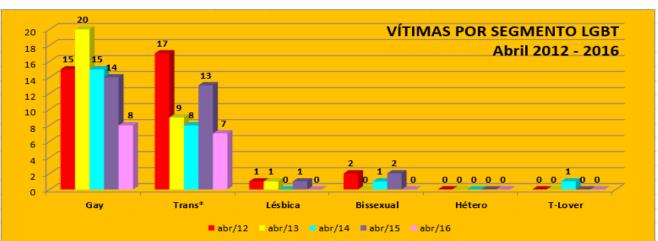




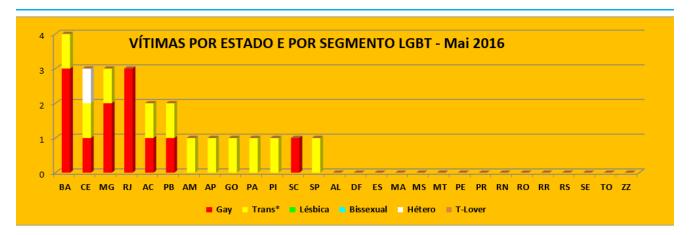


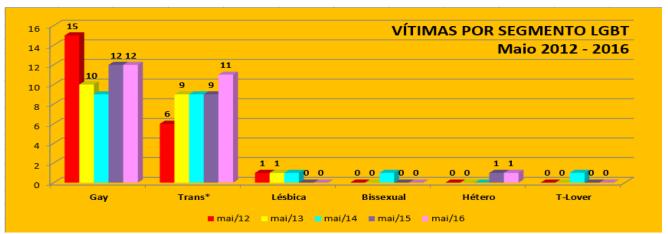


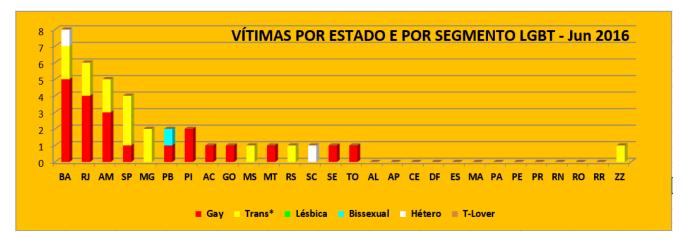


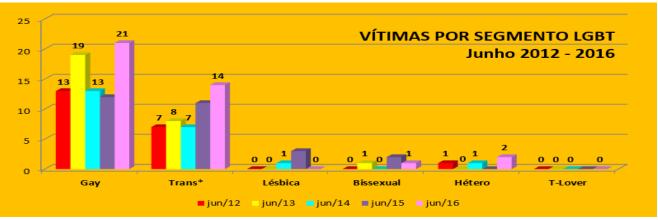




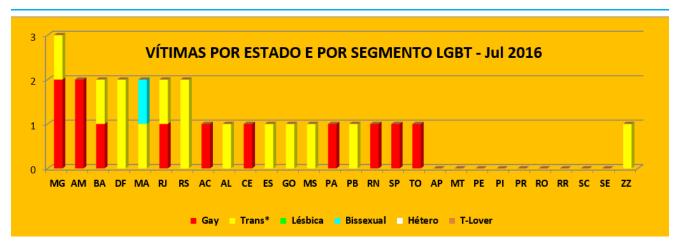


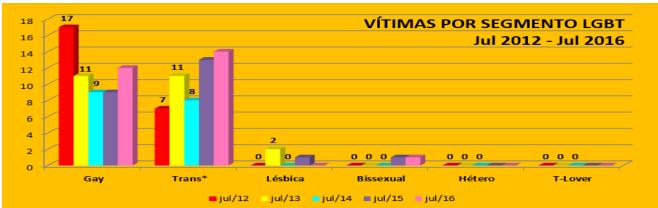


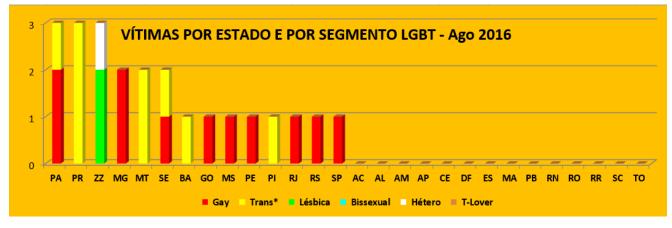


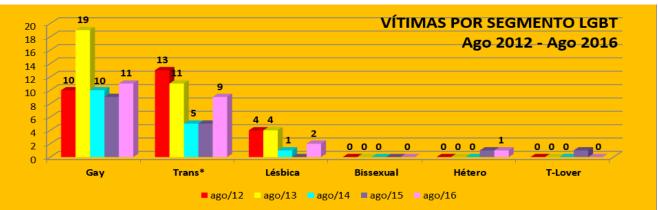




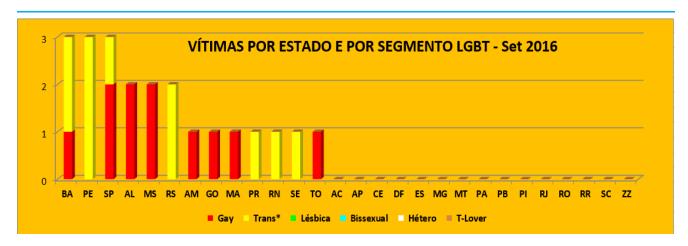


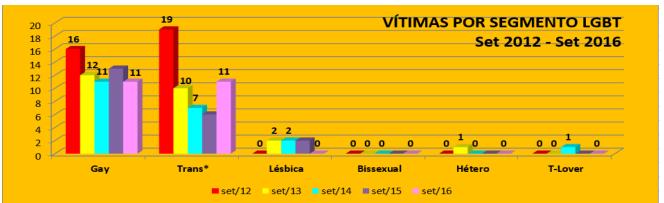


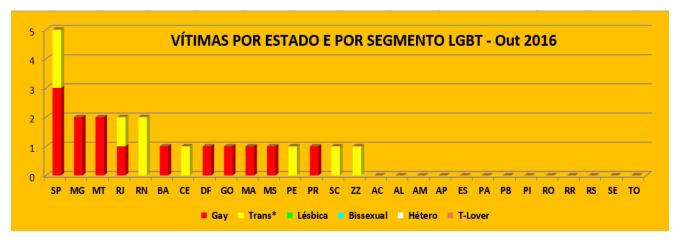


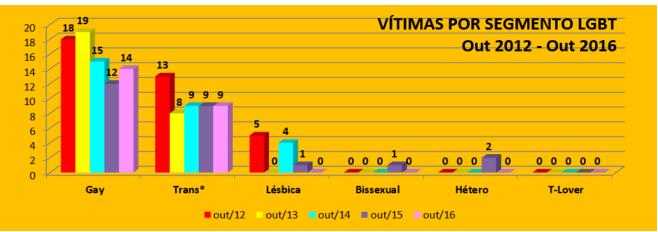




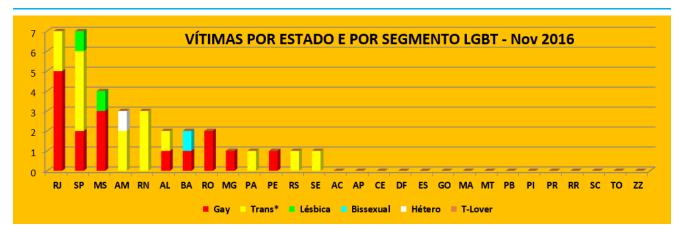


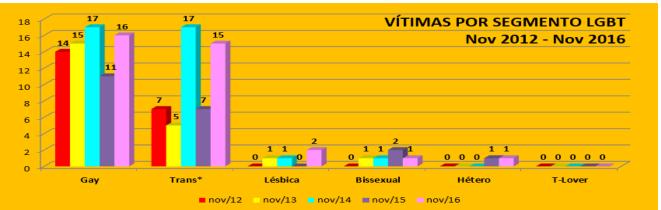


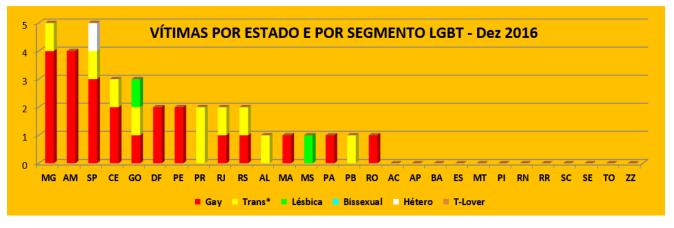


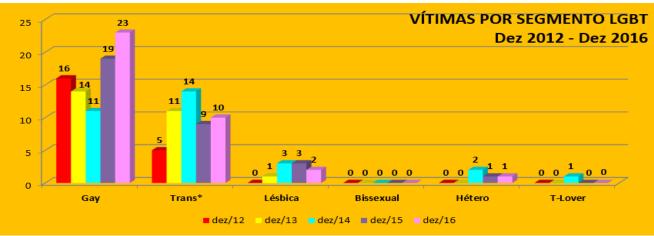




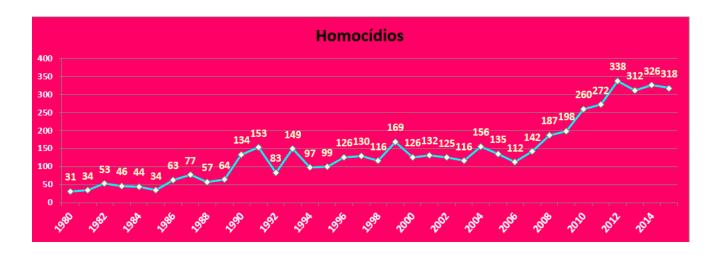














GGB - 37 ANOS

A MAIS ANTIGA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFESA DOS DIRETOS GAYS NO BRASIL

NA LUTA PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

DOS DIREITOS HUMANOS

E PELA JUSTIÇA SOCIAL.

Grupo Gay da Bahia (GGB)

Telefone/fax 55 (71) 3322 2552

Presidente MARCELO CERQUEIRA

celular 55 (71) 9989 4748

E-mail: marcelocerqueira@atarde.com.br

Grupo Gay da Bahia e-mail: ggb@ggb.org.br – ggbbahia@gmail.com

Rua Frei Vicente, 24 – Pelourinho

40.010.025 - Salvador, Bahia, Brasil